



GT02 - História da Educação – Trabalho 813

A “SALA DE VISITAS” DA CASA MINEIRA OITOCENTISTA E A EDUCAÇÃO SOCIOCULTURAL DA MOCIDADE

Helder de Moraes Pinto – LEC-UFVJM

Resumo

Os recintos domésticos como as salas de jantar foram importantes mediadores da formação sociocultural de parcela da mocidade no final do século XIX, nos centros urbanos de Minas Gerais. Consideramos tais espaços como condicionadores dos gestos, dos usos, dos ritos e dos costumes da casa colônia patriarcalista. As relações da mocidade com pessoas, objetos, animais e valores: com maneiras de pensar, portar e agir, na sala, significou uma fase processual e contínua na educação da juventude. Portanto analisamos aqui alguns dos compartimentos domésticos básicos da casa mineira oitocentista. Demonstramos atitudes e modos que os rapazes e as moças levavam a efeito nesses lugares. Para tanto, aplicamos metodologias da história, da antropologia e da sociologia em fontes literárias e autobiográficas de autores nascidos em Diamantina, na segunda metade do XIX. Trabalhamos numa hermenêutica de indícios textuais. O artigo analisa a sociabilização da mocidade e a “mesa”, com a estatuária religiosa e os valores. Ele esquadrinha como as reuniões comensais como ‘palestras’ de interesses múltiplos: casuais e duradouros, para além das necessidades dietéticas. E ressalta, enfim, como os sentidos (audição, visão) dos púberes intermediavam a aculturação daquela geração finissecular. .

Palavras-chave: espaço doméstico, educação, mocidade

Introdução

Em Diamantina, em fins do ano de 1894, na sala de visitas de uma pequena casa, no começo da rua das Mercês, à direita de quem desce, pouco após o meio dia, palestravam duas senhoras, assentadas num sofá, junto a uma janela que dava para a rua. A mais idosa, senhora baixa, vestida de preto, magra, aparentando cinquenta e tantos anos, Fifina Seixas, dizia à outra que teria pouco mais de trinta, bonita mulher e muito simpática:

- Belmira, ouvi ontem, à noite, em casa do cadete, que o Luiz de Resende tem tirado muitos diamantes no Poção do Moreira.

Ciro Arno, 1952, p. 1¹

Esta sala de jantar, quando preenche plenamente sua função, revela-se um lugar de maior importância. Aqui a família oferece espetáculos aos seus convidados, instala sua prataria e exibe um centro de mesa fabricado por um ourives da moda.

Roger-Henri Guerrand, 1991, p. 332

A sala de visitas é o espaço interno que detém a entrada principal da casa. Entre ela e a rua, estava o vestíbulo e, às vezes, uma escada. Tal espaço era, em certas residências, um dos maiores compartimentos da casa e chamava-se “salão”.

Paredes brancas, quadradas, formando um cubo ora quadrado, ora retangular: assim eram as salas. Em alguns casos, possuíam um piano num dos seus cantos; um ou mais bancos de madeira para duas pessoas, confeccionados por algum lenho, por vezes, nobre. Havia também cadeiras de madeira com assento ou couro ornado ou em madeira; ou sofás, também feitos de madeira, jacarandá, por exemplo, esculpidos com motivos fitomórficos; assoalho e teto de tábuas e lampiões. Quase sempre as salas guardavam ainda objetos ornamentais: bibelôs sobre mesas decorativas, bem como artefatos representativos da memória familiar.

Como um dos compartimentos principais da casa, a sala de visitas era uma espécie de cartão postal do domicílio: seus acabamentos e equipamentos poderiam dizer sobre o gosto e a fortuna do “fogo” que ali residia. Por ser o cômodo onde se recebiam as visitas, a sala era, portanto, o espaço diplomático da casa.

A sala da casa diamantinense e a mocidade

Nesse espaço serviam-se as refeições e se realizavam as festas. Ali, quase sempre, a comida que era servida assumia papéis mais complexos que o necessário ato nutricional biológico; isto é, nas salas as visitas recebiam os alimentos simbólicos responsáveis pela manutenção de certos estilos de vida. Nessas ocasiões solenes, tal espaço transformava-se no local onde um artista, uma orquestra, um sarau ou peça teatral se apresentavam. Aristides Rabello testemunhou sobre a sala de sua casa na hora de um almoço - e o que ele viu?:

- Na mesa não se discute! - disse Américo, assentando-se.
Houve um arrastar de cadeiras e todos tomaram os seus lugares à mesa.

As janelas da sala de jantar abriam-se para o quintal, e por elas entrava uma luz pálida, da tarde úmida e fresca. Ia-se fazendo uma pequena estiada, porque do lado oposto o sol vespertino brilhava nalguma nesga de azul; e era da coloração do nascente que vinha a luz amarelada dourar as vidraças e brilhar em leves reflexos nos copos (RABELLO, 1978, p.11).

Animais domésticos eram comuns no interior da casa. “O gato fora se deitar no peitoril da janela, mais atraído pela claridade seca, tão rara naquele fevereiro excepcionalmente chuvoso, do que pelas migalhas de pão que costumava lambiscar debaixo da mesa, na hora das refeições.” No trabalho de observação do gato na sala disse Rabello: “o ruído da sua asma misturava-se ao zumbido das moscas esforçando-se por atravessar as vidraças ou que circunvagavam sobre a mesa, com a avidez aguçada pelo odor dos temperos” (RABELLO, 1978, p.11).

Os utensílios para a mesa habitavam diferentes cantos da casa. Reballo destacou “que dava à sala o seu ar de simplicidade honesta era o pote d’água, tampado por um prato de ágata e apoiado sobre uma banca mal pintada, posta num canto; para evitar desasseios”. Ele termina por registrar que “havia uma caneca de folha, com a borda em espinhos, pendurada numa das asas do pote e presa à outra por um barbante, com o intuito de evitar que ela se ausentasse do seu posto” (RABELLO, 1978, p.11). Esse conjunto de equipamentos condicionava o estilo da vida doméstica domicílio.

Rebello revela o caráter de espaço da memória familiar que a sala ocupava. Diz ele que “fronteiro ao pote, havia um móvel incompreensível, um estrado largo e baixo, que fora desde o tempo da vovó, o lugar em que se reunia a família para a prosa e onde as antigas mucamas adormeciam as crianças pelas ave-marias, contando histórias da carochinha.” Ele aponta ainda a preocupação do grupo com a contagem do tempo, marcada por uma máquina de porte considerável: - “encostado na parede, via-se um velho relógio de armário, comprido, com dois pesos, e cujo tic tac lento e tristonho não era abafado completamente pelo tinir dos talheres (RABELLO, 1978, p.11). Esse jogo de objetos aponta para um conjuntos de práticas cotidianas da arte de morar características a época, como diria Certeua (2011).

Nota-se nesse relato as características dos instrumentos que serviam à sala. Móveis, louças, instrumentos de consumo de água, entre outros objetos domésticos.

Fica clara a presença de animais e insetos neste cômodo da casa. O texto citado acima foi aberto com uma frase-slogan dita pelo chefe da família aos filhos que se provocavam - “na mesa não se discute!”, e com isso ele - pai - queria dizer, provavelmente, que aquele momento, naquele lugar, com aquelas pessoas, era algo sagrado, inviolável, venerável, ou seja, todos deveriam respeitar profundamente as horas que a família se reunia à mesa da sala; sobretudo em se tratando de uma residência católica, na qual, não raro, se costumavam rezar algumas orações antes das refeições. A autoridade do pai representava naquela época a formação na cultura patriarcal, marcada por um autoritarismo machista do chefe, diria Freyre (2004).

Se as pessoas do domicílio se reuniam mais de uma vez por dia para os ritos comensais; esse era feito no cômodo da sala, o que caracteriza tal estilo de vida. Como “espaço de sociabilidade”, portanto, “a sala de jantar era também o espaço de encontro cotidiano dos membros da família”, ressalta Roger-Henri Guerrand (1991, p. 333), ao analisar os espaços privados da casa francesa durante o século XIX.

Outro aspecto desvendado em nossa pesquisa é o caráter de “lugar de memória” (NORA, 1993, p. 7) atribuído à sala, uma vez que ela guardava, em um canto, móveis do “tempo da vovó”. A casa que Rabello descreve, provavelmente foi sua residência. Ele desenha tais recintos numa tarde chuvosa de janeiro. Nas suas palavras: - “ninguém ousava sair de casa ou sequer debruçar à janela; e assim, todos foram se encaminhando para a sala de visitas. Américo, fazendo do sofá um leito, recostou-se nele, espreguiçando-se todo”. E segue: “o seminarista, sem tirar o palito da boca, contorcia o rosto, apalpava o abdômen, porque aquela era a triste hora de começar a luta com sua dispepsia nervosa” (RABELLO, 1978, p.13). Sublinha-se a sala como espaço de convergência dos moradores da casa, o qual lhes permite momentos de socialização de trocas de experiências e expectativas.

A música de piano, na altura, era uma moda, valor alto àqueles que aspiravam assumir traços da vida privada burguesa em voga fazia-se presentes no interior das Minas. Rabello ressalta essa prática ao descrever os gestos da moça na sala: “Amália”, escreve, “fora para o piano e começara a tocar qualquer banalidade em voga, tirando arpejos sentimentais, abafados, numa cadência que amolecia as almas, e Paulo, assentando-se na cadeira de balanço, acendeu um cigarro e pediu à irmã.”... “- Vamos, Amália, aquilo!”... “- O Ricordati ou o Guarani?” “- Pois você ainda não aprendeu?” (RABELLO, 1978, p.13). A casa e nela, a sala, em especial, era o local onde se poderia relaxar, se liberar momentaneamente da dos papéis e das formalidades sociais que a

vida pública demandava. Portanto, o lazer da sala era também uma lição sobre as diferenças entre o mundo público e o privado; estas, duas dimensões da vida social urbana moderna, para citar Roberto da Matta (2004).

Nesse ritmo nota-se como a sensibilidade estética poderia ser estimulada na sala de estar. Em conclusão disse o moço: “- Agora é hora de Ricordati: é a hora sentimental”... Pois você não me está vendo assentado na cadeira de balanço e fumando? É hora de pensar, logo o que eu quero é a choradeira de Gotschalk. O Guarani é para quando tivermos visita (RABELLO, 1978, p.13). A valorização da música de piano estava também relacionada com a formação de um mercado consumidor, já que o piano era, antes de tudo, uma febre publicitária nos jornais da época. Portanto, caberia imaginar que alguns ritos da vida privada estavam sendo modificados também pela crescente atividade da imprensa, defenderia Alencastro (1997).

Como se vê na passagem acima, era comum após o almoço passar-se da sala de jantar para a sala de visitas, talvez em função de seus móveis e de suas aberturas que atraíam os moradores da casa para seu interior, para desfrutarem de um tempo de ócio contemplativo: todos ali procuravam uma posição confortável para degustar o tempo livre. No cenário em questão, dois estímulos favoreciam o estado de contemplação dos que estavam presentes, a saber, o “cigarro” e o som do “piano”. Tratava-se de duas modas que se estabeleceram no estilo de vida dos sobrados urbanos, em tempos de crise do patriarcado rural, como analisa Gilberto Freyre (2004, p. 252) ao investigar a vida nos sobrados pernambucanos no Brasil Império. Mas nota-se que tais comportamentos poderiam ser generalizados para quase todos os domicílios das camadas altas e médias da população mineira.

Enquanto desfrutava daquele ócio, Paulo, estudante de medicina, desafiava sua irmã Amália a tocar certo estilo ao teclado; o moço parecia fazer referência a algum hábito novo, típico do modo de vida burguês que provavelmente ele vira em livros ou no Rio de Janeiro e que consistia em filosofar fumando ao som do piano de Louis Moreau Gotschalk².

E como era a sala de visitas? Rabello a descreve na perspectiva da crise de iluminação imposta pela chegada da noite: “Tiveram que acender as duas velas do piano, cuja luz começava a destacar o contorno das coisas, à medida que a noite se aproximava: um espelho de moldura dourada, inclinado na parede entre duas paisagens vistosas, refletia a custo aquela claridade escassa.” E segue ele:

Na outra parede, sobressaía um grande retrato, coberto de crepe, uma reprodução ampliada de alguma fotografia da falecida esposa de Américo. Outros retratos, menores, enchiam com simetria as paredes. E toda a mobília da sala constava do sofá, dois consoles de mármore sobre os quais havia pretensiosos vasos com algumas flores, cadeiras de encosto alto, de madeira preta; ao centro uma mesa redonda, pesadona, de pés complicados, coberta de uma toalha branca e rendada, sobre a qual havia uma manga de cristal, caramujos, pedras exóticas, um enorme tinteiro artístico e os bustos da Virgem e de S. José.

Havia peles de diversos animais, no assento de algumas cadeiras e, junto ao sofá, substituindo o tapete, estendia-se um belo couro de onça pintada, em que se viam as garras e a cabeça empalhada conservando as presas.

Do teto, pendurava-se um lampião belga, e o piano ficava em um ângulo das paredes, coberto por uma capa de pano esverdeado, e sobre ele empilhavam-se as músicas, que, em certa desordem, se misturavam com dois álbuns de fotografias. E as três sacadas que se abrem para a rua, desguarnecidas de cortinas, estavam cerradas para não deixar entrar a neblina fria. (RABELLO, 1978, p. 13-14)

O primeiro traço da sala descrito no trecho acima foi sua iluminação, ou a falta dela, fato que demandava a manipulação de velas, gerando um rito diário na habitação noturna das salas. As velas eram produzidas em casa: comprava-se a cera, às vezes, dos padres, para fabricá-las; também poderiam ser compradas no mercado local. Sua luz, necessária, gerava uma “claridade escassa”, donde a sala se tornava um espaço umbroso e, dependendo da circunstância, assumia ares sinistros. Aqui o autor joga com

Além da luminosidade, o testemunho cita o “espelho de moldura dourada”, objeto presente em quase todas as casas de pessoas mais abastadas. O espelho possuía mais de uma função: além de um ornato do espaço, era um objeto no qual se observava a própria imagem, oferecendo às pessoas uma representação invertida de si mesmas, como se se criasse uma autoimagem delas, permitindo-lhes ajustar suas roupas e planejarem melhor suas paisagens corporais. Mas também os espelhos poderiam refletir luz e ampliar os espaços.

Ao lado da observação dos retratos humanos na parede, o narrador observa os móveis, vários, de diferentes funções e feitos de materiais diversos como, por exemplo, os “consoles de mármore”, ou seja, um tipo de mesa de encostar, ornamentada, sobre a qual se expunham elementos decorativos como vasos, flores e bibelôs. Chama a atenção por fim, as peças necessárias a uma sala católica, quais sejam, os objetos de qualidade sacra tais como “bustos da Virgem e de S. José”.

Outro aspecto da sala que merece ser sublinhado é a coleção de “peles” de animais espalhadas pelo cômodo; um hábito antigo, seguramente. Elas figuravam como um ornamento das casas e sugeriam um costume masculino: a caça.

Aristides finaliza sua descrição apontando que a sala era dotada de “três sacadas” - janelas projetadas sobre a rua -, que olhavam para dentro e para fora da casa concomitantemente. Essas janelas altas, quando abertas, permitiam espreitar a vida pública, inquirindo-a nos seus movimentos; fechadas, sustentavam a intimidade e garantiam maior segurança a esse espaço da casa.

As salas de visita e de jantar eram ainda ornadas com retratos de pessoas falecidas da família, uma maneira de manter próxima a imagem de entes queridos que viveram naquele domicílio. Mas a fotografia assume também a função de ser um rito do modo de vida dito contemporâneo, uma vez que a máquina fotográfica era um símbolo modernista e veículo de criação que garantiria a eternização de uma pose. Foi nesta época que grandes fotografias de moldura ovalada se disseminaram pelo interior do Brasil (MAUAD, 1997).

A sala seria como que a praça pública da casa, o cômodo menos íntimo, aberto ao trânsito, à hospedagem, ao afagamento das visitas e, na falta dessas, ela era o espaço parlamentar das famílias: à mesa, degustando algum manjar, debatia-se e decidiam-se destinos, quando não os rumos da política nacional ou local. Ali também se realizavam as trocas materiais e simbólicas dos chamados costumes patrimonialistas³, um tipo de cultura política em que as funções das instituições públicas estavam dependentes dos interesses de certos grupos familiares e de suas redes sociais.

Como um dos elementos da vida privada, a sala significava um espaço de práticas intelectuais e contemplativas aberto aos dois sexos. Ora, as mulheres então poderiam manifestar suas visões de mundo nesse recinto sem com isso serem reprimidas pelos homens da casa. A tese de Gilberto Freyre (2004, p. 82) afirma que não se deveria “iludir” com as manifestações da “inteligência feminina nos salões patriarcais”, pois essas eram raras ao longo do século XIX. Entretanto, esse argumento talvez não possa ser aplicado genericamente ao salão diamantinense, no qual a autoridade masculina, embora hegemônica, sofria diversas manifestações de resistência, entre outros fatores, causadas pela ausência dos chefes que viviam na mineração a maior parte do tempo.

Podemos afirmar que a sala, no final do século XIX, combinava diversas funções básicas: alimentar, recepcionar, distrair-discutir-debater-decidir, descansar-estar

e solenizar. Logo, antes de ir à “câmara municipal” talvez fosse mais produtivo ir à casa de umas dessas “famílias tutelares” (MATTA, 2004, p. 13), pois nelas se poderia recrutar um mediador para resolver tal ou qual questão problemática. Essa atitude personalista, porém, custava, ali, oralmente, em muitos casos, um pacto de dependência; em outras palavras, costumava-se ali uma sociabilidade de favores ⁴.

Em um de seus escritos, Ciro Arno registrou a movimentação na sala da madrasta de Lúcio, com cerca de quinze anos, e mãe de Maurício, com cerca de dez anos. Tratava-se da casa de Dona Belmira numa tarde trivial, na qual o memorialista apontou os usos do cômodo tanto por visitas como por elementos da família:

Neste momento, entrou na sala um pirralho de dez anos, com um pacote de livros e uma lousa, amarrados por um barbante. [...] Êste, depois de tomar o refresco, assentou-se numa cadeira, em frente ao sofá, e começou a contar e a recontar silenciosamente uma coleção de sêlos.

Afinal, guardando os selos, exclamou:

- Siá Fifina, conta agora uma história.

- Que é isto, meu filho? Retrucou a mãe.

- História de dia?

- Hoje não posso, Maurício, respondeu ela ao pequeno.

- Já são mais de três horas e preciso ir à casa de Luíza Guerra, que ela me convidou para jantar. Prometo voltar numa destas noites, para lhe contar histórias lindas que li num livro chamado “Quadros Infantis”.

(ARNO, 1952, p. 3)

No trecho acima, pode-se apreender que a sala às vezes se transformava num local de encontro entre gerações, no qual a geração mais velha instruía os mais novos através da audiência de “histórias”; porém contadas num horário tradicional, ritual, à noite.

Outro traço revelador desse cômodo é que ele sugere a existência de “visitas-informantes”, isto é, pessoas que perambulavam pela cidade levando e trazendo informações diversas e relatando tais informes na presença dos menores; esses estranhos e não familiares, portanto, tomavam conhecimento dos problemas e acontecimentos que interessavam à comunidade, e claro, poderiam se posicionar diante deles.

No fragmento acima, quais são os protagonistas? Duas senhoras, sendo uma “mais idosa” e outra “de pouco mais de trinta”. Não obstante elas pareçam desfrutar de uma trivial visita vespertina, acomodadas na sala e, certamente, observando o que acontecia na rua, o problema proposto pela “idosa” era dos mais caros aos moradores daquela comunidade: a crise na produção da mineração. O que a cena sugere é a difusão de um rumor, ou a circulação de informações sobre a descoberta de novas minas de

pedras preciosas. Numa conversa aparentemente despreziosa, as duas damas se mostram interessadas nos “diamantes do Poção do Moreira” (ARNO, 1951, p. 1).

A cena registrada por Arno nos mostra que, embora essa fosse uma sociedade tributária do patriarcalismo, ou seja, uma forma de vida na qual era o protagonismo masculino que regia a vida pública e privada, é preciso reconhecer que as salas eram dominadas pelas mulheres, pois elas, como um diretor de teatro, estavam sempre por trás da gestão das funções daquele recinto. Pode-se mesmo afirmar que o sucesso dos negócios realizados naquelas salas estava amarrado às habilidades culinárias, receptivas e festivas das mulheres.

É ainda nas recordações de Ciro Arno que vamos encontrar outra função para a sala: espaço de conversação e de contemplação estética dos moços. O autor nos fala das horas posteriores à saída de Fifina da sala, momento no qual o cômodo ficou ocupado pelos púberes da casa, os quais passaram a uma contemplação, diríamos, “literária e - musical”:

Lúcio, aproximando-se da mesa, deu corda ao realejo, que começou a tocar um trecho da Traviata, de Verdi. Abriu depois um livro, o “Conde de Monte Cristo”, de Alexandre Dumas, e começou a ler reclinado no sofá, fumando um cigarro de palha.

Leu atentamente durante uma hora, mais ou menos. Afinal, levantou-se, atirando o livro ao sofá, bocejou ruidosamente, exclamando:

- Que amolação! Estou com fome e temos ainda de esperar papai do Guinda, para jantar... Também que mania de passar a vida no campo, minerando, cavando a terra, sem nunca encontrar diamantes!...

Deu alguns passos pela sala. O realejo tocava a valsa “O Beijo”. Apanhou em cima da mesa um livro de poesias de Castro Alves, abriu em uma página e começou a declamar em voz alta:

Talhado para as grandezas,
P’ra crescer, criar, subir,
O novo-mundo nos músculos
Sente a seiva do porvir.
Estatuário de colossos,
Cansado de outros esboços,
Disse um dia Jeová:
-Vai, Colombo, abre a cortina
Da minha eterna oficina,
Tira a América de lá!

Molhado inda do dilúvio,
Qual Tristão descomunal,
O continente desperta,
No concerto universal.
Dos oceanos em tropa,
Um – traz-lhe as artes da Europa,
Outro – as bagas de Ceilão...
E os Andes petrificados,

Como braços levantados,
Lhe apontam para a amplidão (ARNO, 1952, p. 6).

Essa sala abrigava objetos relacionados à cultura erudita ocidental e brasileira, o que possibilitava ao moço, por exemplo, refletir com Castro Alves os motivos da descoberta da América. A sala então garantiria o contato de certos jovens com importantes nomes da literatura e da música naquele momento; os “livros” e o “realejo” disponíveis ali asseguravam a Lúcio a condição de rapaz em vias de se instruir.

Mergulhado numa paisagem poética, o moço se deparava com o problema antes colocado por Fifina: onde estavam os diamantes que seu pai “passa a vida” procurando sem encontrar? “Que mania de passar a vida no campo, minerando, cavando a terra, sem nunca encontrar diamantes!...” Essa formação das suspeita quanto à eficácia da atividade mineradora, no centro a vida econômica local, reflete provavelmente, como defenderia Martins (2004) uma crise na de extração dos diamantes que levou muitas pessoas ao desespero. Portanto, aqui a sala assume a função de espaço mediador das noções de modo de produção material da vida.

A sala em tela foi ainda palco de um último evento que deu mais detalhes de sua cultura material e de suas funções. Nesse momento o memorialista marca o instrumento de iluminação, bem como o papel do cômodo para os avisos importantes. Observa o narrador:

O marido de D. Belmira (Adriano Pitanga) tirou chapéu e entrou na sala iluminada por uma placa de querosene, exclamando:

- Boa noite a todos, a começar pela formosa dama.

[...]

Adriano assentou-se no sofá, tirou as botas com as esporas, o paletó alvadio e o colete; calçou seus chinelos de tapete; em mangas de camisa apanhou uma toalha e dirigiu-se à bica do páteo, onde lavou a cabeça e o rosto, resfolegando ruidosamente. Voltando depois à sala, onde Lúcio e Maurício colocavam laboriosamente selos num álbum, disse à esposa que sorria para ele:

- Graças a Deus, apurei hoje no cascalho alguns diamantes, pequenos é verdade, que me poderão render um conto e quinhentos a dois contos de réis. (ARNO, 1952, p. 6-7)

Para finalizar essa descrição da sala de Belmira, cabe ressaltar o ritual de regresso do chefe da família, o retorno dele do trabalho nas lavras. Os movimentos de Adriano indicam o recinto como ponto de chegada e depósito de objetos pessoais como “as botas”, “esporas”, “paletó alvadio e o colete”. Este rito caracteriza a passagem do indivíduo do espaço público para o espaço doméstico. Estas imagens apontam para os

objetos símbolos do patriarca que representava a ordem e o poder social tanto no espaço público como no privado, defenderia Freyre (2004).

A sala era ainda um clássico espaço de sociabilidade em Diamantina, um lugar onde se praticavam as conversas a respeito da miséria na cidade. Esse parece ser o tema do diário de Helena Morley, em 25 de fevereiro de 1893. Era senso comum na época que o norte de Minas e os estados que hoje compõem o nordeste do Brasil amargavam um colapso alimentar em razão de uma crise de abastecimento severa, decorrente da seca que se abatera sobre essa região⁵.

Nas palavras de moça, com certo realismo, emerge um espaço da sala um sonoro com os ruídos tristes de vozes que chegavam e saíam esmolando: “Hoje”, escreve a moça, “tive o maior espanto de minha vida. Vovó, todos os sábados, manda um de meus irmãos ao Palácio, que é perto da Chácara, trocar uma nota em borruquês⁶ do Bispo. Põe tudo numa caixa de papelão e fica sentada na sala de jantar, à espera das pobres dela” (MORLEY, 1998, p. 29). E o que se vê em termos da formação da jovem são gestos ligados à caridade e a solidariedade com os carentes.

Mas a moça tinha estratégias precisa de estratégias para exercitar a observação das práticas solidárias da avó: “eu sempre fico por perto ouvindo as queixas”, ressalta ela, “disfarçando com um exercício em cima da mesa, porque acho graça na briga delas, quando querem ganhar dois borruquês em vez de um” (MORLEY, 1998, p. 29). É a sociologia de Simmel (1998) que nos instrui para pensar o papel do ouvir na formação social dos indivíduos; ele acredita que a atitude de audição pode aproximar e/ou afastar as pessoas.

Nesse registro, Helena observa a natureza da esmola que sua avó praticava na sala de jantar: ela distribuía entre diversas mulheres “pobres” um tipo de dinheiro local, o “borruquês”, emitido pela “caixa pia da diocese”. A garota considerava estranho esse expediente, articulando-o a valores religiosos, pois, como dizia a avó: “quem dá aos pobres empresta a Deus”; ou seja, ajudar os pobres garantiria uma passagem mais confortável para o céu.

Assim a avó, “sentada na sala,” recebia os miseráveis. Concomitante a isso, a moça fingia usar a mesa para fazer suas tarefas escolares, mas, na verdade, seu interesse estava em ouvir o que as pobres diziam: “sempre fico por perto ouvindo as queixas” (MORLEY, 1998, p. 114). Ouvir era a ação da jovem atuando na sala. Isso lembra a visão de Georg Simmel (1986), quando analisa que a audiência, o uso dos ouvidos, era uma forma básica de sociabilidade humana no espaço doméstico. Defende-se, aqui, que

os jovens apreendiam pelos ouvidos as formas de viver na sua comunidade. A audição era uma ferramenta tanto para a harmonização como para conflitos sociais. A fala, o saber oral, o som e o conteúdo da voz eram possivelmente mediadores potentes na formação social e intelectual da mocidade como mostra Galvão (2000) em seu estudo sobre leitores/ouvintes de cordel.

Helena ainda perceberia outra sala: um espaço-museu-sacro, se é que se pode dizer assim. Seria algo como transformar tal cômodo numa capela com santos sobre as mesas e pelas paredes. Ora, neste caso, criava-se um local de orações, de preces, de pedidos; um espaço de intermediação entre os homens e o sobrenatural. Maravilhada com suas recordações de uma sala repleta de santos em “Boa Vista”, a moça, numa quarta-feira, 20 de dezembro de 1893, escreveria o seguinte: “Vou contar a admiração que eu tive agora na Boa Vista. O homem mais rico daqui e o único que tem uma casa grande e bonita é Seu Joaquim Santeiro. Eu já vi a sala dele que tem santos mais bonitos do que na igreja” (MORLEY, p. 1998, p. 114). A sala é aqui abordada na interface com espaço de exposição de arte sacra e ambiente de oração que afetou a sensibilidade da jovem; funciona assim como resinto privado no qual o valor religioso se forma na subjetividade dos que ali adentram.

Doravante a moça exhibe sua erudição em assuntos de santo, isso por estar numa sala inundada de imaginária católica. Nas suas palavras: “Ele”, o dono da sala de Boa Vista, “tem lá um Senhor Morto que eu tenho pena de vovó não poder ver. Ela fica com inveja de nós, quando contamos, mas ela não pode vir, coitada. As Nossas Senhoras são lindas. S. José, S. Francisco, Santo Antônio, tudo ele vai fazendo e enchendo a sala.”... Vou à casa dele sempre que estou na Boa Vista e não enjôo de ver” (MORLEY, p. 1998, p. 114). Ao cabo ela diz como aquela sala lhe era atraente. Logo cabe pensar a sala como um mediador da formação estética e da sensibilidade católica, para lembrar Mott(1997).

O que Helena conheceu nas suas andanças por “Boa Vista”, uma comunidade rural de mineradores no território diamantífero? A mocinha presenciara espaço sacro, porém privado. Esse ambiente ficava na casa “do homem mais rico” do povoado, “Joaquim Santeiro”: Nosso “Senhor Morto”, “Santo Antônio”, “São Sebastião”, as lindas “Nossas Senhoras”, são algumas das peças mencionadas por Luiz Mott (1997), historiador da religião popular na América Portuguesa, com foco nas crenças observadas na Bahia. Portanto, a descrição da moça fixa dados sobre a expressão da devoção doméstica que se manteve no Brasil pós-colonial.

O gosto pela estatuária católica na América Portuguesa foi analisado por Adalgisa Campos (2015, p. 15) que defende que “tais obras”, “dotadas da capacidade de predispor sentimentos”, “atingiram grande difusão no Brasil Colonial, apoiada na tradição devocional dos colonizadores e na própria legislação tridentina.” Nesse caso, pode-se dizer que a arte plástica aplicada na produção das esculturas dos santos permaneceu ao longo do Império brasileiro. Essas peças seguramente colaboravam na formação do gosto estético dos moços frequentadores dos ritos religiosos, bem como serviram para compor a parte material da ideologia do catolicismo popular nas Minas.

Considerações finais

O espaço doméstico da sala era dotado de instrumentos com valor de memória familiar – das lembranças dos antepassados. Era lá que preleções moldavam a identidade religiosa, cultural, moral e política dos jovens; era o espaço onde se poderia experimentar e moldar gostos e identidades estéticas pelo paladar, visão e audição. Ali se fitava homilias econômicas. Era – a sala - um local de reunião, da alimentação fisiológica, intelectual e espiritual.

Enfim, sala tornou-se o espaço onde a mocidade via e ouvia os mais velhos, apreciava estilos literários e musicais; elas eram locais onde temas caros ao grupo social eram debatidos e deliberados.

Notas de rodapé

¹ Ciro Arno, ex-normalista, advogado e jornalista diamantinense, em *Os enteados* (1952[?]), manuscrito não publicado, preservado na Biblioteca Antônio Torres, narra a estória de dois jovens que se tornaram “irmãos” em razão do casamento do pai de um deles com a mãe do outro. Como enteados, ou seja, filhos de casamentos anteriores, os moços passaram a viver na mesma casa onde a preferência do pai, minerador, por um dos garotos é um dos temas centrais da trama. Outro problema relevante da narrativa é o estilo de vida do moço mais da dupla de irmãos não sanguíneos, marginal: pândega. O manuscrito não tem uma data explícita de sua criação, porém, há o número “11-11-52”, apagado na capa da pasta onde as folhas mecanografadas dessa obra, inédita, estão guardadas; o que leva a crer, comparado a de surgimento seus livros, isso ser de 1952. Trata-se de um texto literário que mistura invenção e realidade: é literário, autobiográfico e memorialístico.

² Cf Para maiores informações Pinto.

³ Raimundo Faoro usa esse conceito para expor sua tese sobre o entrave da modernização política e cultural brasileira, pois, para ele, no Brasil, a tradição e o personalismo-patrimonialismo nas relações sociais negaram a implantação do Estado Moderno, já que este fato implicava a aceitação de relações sociais institucionalizadas e impessoais, acertadas em repartições públicas e de forma neutra, e não no sofá de jacarandá desta ou daquela sala particular; não é por acaso então que... “De D. João I a Getúlio Vargas, numa viagem de seis séculos, uma estrutura política e social resistiu a todas as transformações fundamentais, aos desafios mais profundos, à travessia do oceano largo” (FAORO, 2001, p. 737). Essa tese indica como floresceu e se perpetuou no Brasil a cultura da amizade “cordial”, na qual o dito amigo deve ser sempre alguém com certo cabedal implícito no sobrenome, ao qual se poderá recorrer a qualquer momento em razão de uma situação problema, há um treino de relações (personalizadas) que não distribuem o poder, e com isso não modernizam a política e a sociedade.

⁴ Uma historiografia desse nível, do gesto na sala, migalha histórica, precisaria de uma engenharia que ligasse sociólogos, historiadores, e arquitetos que analisassem a sala como um monumento na formação das unidades sociais que se engendram também no interior dos “Sobrados”. A hipótese freyriana a respeito disso nutriu-se neste trabalho empiricamente nos “solares de Minas”. Unidades com feição aristocrática que tendiam a se desenvolver nessas edificações. Essas unidades “tutelares” estavam, ecologicamente talvez, sustentadas pela aventura das jóias naturais perseguidas por quase todos (FREYRE, 2004). Esses domicílios aristocráticos e aburguesados talvez, não raras vezes, eram laçaios dos comerciantes locais por dívida ligadas à mineração, logo, devedores estigmatizados. As casas com capelas, as famílias com túmulos inscritos em irmandades religiosas, indicavam o valor dos indivíduos dos sobrados e dos mucambos. Claro que havia sobrados em penhora. Muitos comerciantes não nasceram em Diamantina, mas lá chegaram e se instalaram em sobrados que já existiam, mas isso não deve ser tomado como uma regra universal.

⁵ Um documento apresentado à Câmara Municipal de Diamantina em 07 de Maio de 1874 apontava o problema: *dizia* - “o comércio completamente paralisado, os mineiros arruinados, um quase geral estado de falências; e o que ainda é mais horrível, a miséria, a fome de milhares de trabalhadores que não tem o que se ocupar e com que sustentar suas famílias, por que vós o sabeis, nem todos possuem terra para cultivar” (SOUZA, 1993, p. 128). Vale dizer que, em Diamantina, a década de 1890 também se experimentou um desabastecimento alimentar seguramente derivada de variações climáticas, entre outras..

⁶ “Vales que os comerciantes, industriais e instituições se beneficiam para suprir, diziam, a falta de trocos, e circulavam como dinheiro. Os borusquês do Bispo eram emitidos pela Caixa Pia da Diocese e assinados. O nome desses vales vem do negociante francês Barrusque, que foi o seu introdutor em Diamantina”. (MORLEY, 1998, p. 29)

Referências

- ALENCASTRO, L. F. Vida privada e ordem privada no Império; in: NOVAIS, F & ALENCASTRO, L. F. (org.). *História da vida privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ARNO, Ciro. *Os enteados* (manuscrito nunca publicado). Diamantina-Mg: Biblioteca Antônio Torres 1952.
- ARNO, Ciro. *Os Jatobás*. Rio de Janeiro, 1951.
- CAMPOS, Adalgiza Arantes. s.d *Semana Santa na América portuguesa: pompa e ritos e iconografia*. Disponível em: <<http://www.upo-es//depa/webdhumanas/areas/artes/actas/3cibi/documentos/095f.pdf>>. Acesso em 03.07.2015.
- FAORO, Raimundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro, 1 e 2*. São Paulo: Globo, 2001.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados de Mucambos: a decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. 15 ed. São Paulo: Global, 2004.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernanbuco: (1930-1950)*. Tese (doutorado em História da Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2000.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GUERRAND, Roger-Henri. Espaços privados; In: PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: companhia das Letras, 1991.
- MARTINS, Marcos Lobato. *Os negócios do diamante e os homens de fortuna na Praça de Diamantina, MG: 1870-1930*. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, 2004.

- MATTA, Roberto da. O Brasil como morada: apresentação para Sobrado e Mucambos. In; FREYRE, Gilberto. *Sobrados de Mucambos: a decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. 15 ed. São Paulo: Global, 2004
- MAUAD, Ana Maria. Imagem e auto-imagem do Segundo Reinado; In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de(Org.). *História da vida privada no Brasil: Império*, 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu; In: SOUZA, Laura de Mello e (org). *História da vida privada no Brasil, 1: Cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- NORA, P. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: Projeto História n.10. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História*, 1993
- RABELLO, A. *O Hóspede*. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1978.
- SIMMEL G. El espacio y La sociabilidade; In: SIMMEL, G. *Sociología: Estudios sobre la socialización*. Madrid: Alianza Editorial, 1986
- MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2007
- LEVI, G; SCHIMITT, J. C (Org.). *História dos jovens: antiguidade e era moderna*, v 1, 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- FORACCHI, M. M. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo, Livraria Pioneira, 1972.